

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



Anna Marly, a mais popular canção-fista de Paris, visitou Lisboa e cantou para os portugueses. Ela foi, durante a guerra, conhecida pelo «Cantoro da Resistência». Empolgou os soldados da França com a sua voz de sonho, e foi à Inglaterra e a toda a parte onde lutassem soldados das Nações Unidas, a sua voz chegava como se fosse a própria voz da França! «Cantora da Resistência!» Belo nome para um artista francês!

ANO V

PREÇO AVULSO 1\$80 ~ 17 DE JANEIRO DE 1946

N.º 243

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR:
JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORIA, LIMITADA

PRIMEIRA COLUNA

MERINOS DE HOJE

POR ANIBAL NAZARÉ

É ITAMOS poucos àquela hora, no jardim publico, onde o acesso me fizera parar um momento, não sei bem se para pensar se para ganhar coragem — é pensar melhor. Dois velhotes que conversavam, baixinho, eu e um grupo de crianças que brincavam junto ao lago, sob os olhares atentos do guarda, que exhibia um nodoso cacetete, símbolo indiscutível da sua autoridade. As crianças afastaram-me, por momentos, do meu pensar, e estive a vê-las, a procurar na sua habitual alegria um tónico para os aborrecimentos que as pessoas crecidas telham em dar-nos. E passei. Passei da maneira como brincavam aquelas crianças. Nada de balles de roda, com canções alegres e marcações que, quanto mais desacetadas saem, mais graça têm... Nada de risos, de estovante, de loucuras infantis! Aqueles miúdos e miúdas brincavam — muito a sério!

Um era general e parecia gozar de invulgar prestígio, porque todos lhe obedeciam. Decretou que dois deles eram inimigos e tinham sido apanhados quando desceram em parafusadas — e a coisa ficou assente.

E como duas raparigas não tivessem maneira de entrar na questão, afirmou, convictamente: — Vocês são civis! — e emparou-as a ponto de caírem ambas sobre a relva!

Depois, o general improvisado ordenou aos seus soldados que liquidassem os dois prisioneiros! Assim mesmo: — que liquidassem!

Os soldados atiraram-se sobre os «presos», subjugaram-nos, encostaram-nos a um banco junto a um candeeiro, e foi então que o general pediu este conselho a um miúdo esquálido que o acompanhava, como se sua sombra fosse e devia ser trunfo influente no seu Estado-Maior: — Oh, pá! É se a gente os pendurasse naquele candeeiro?

* * *

No banco, os dois velhotes continuavam, baixinho, a sua conversa, e o guarda, mais adiante, mantinha-se, de cacetete em punho, observando, com cuidado, os movimentos daquela providência ditada que lhe invadira o jardim...

A sua obrigação diária

É cuidar dos seus intestinos. Tome LAXOBAC ao deitar e, logo pela manhã, os seus intestinos trabalharão com regularidade pasmosa. LAXOBAC tem o gosto do mais saboroso chocolate, que tanto agrada a adultos e a crianças.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Esc. 5850 e 12800 cada caixinha. Lembre-se do nome.

LIVRARIA ECLECTICA

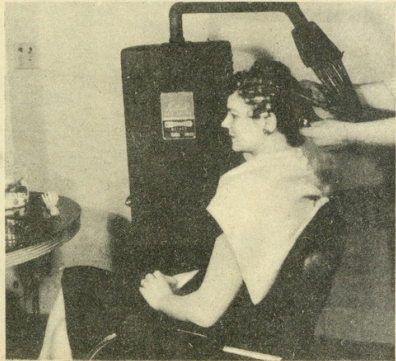
LIVROS NOVOS E USADOS
Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada do Combro, 53 - LISBOA

Aqui existiu a aldeia checa de Lidice, que foi completamente destruída por Heiderich, conhecido pelo «corcasso de Hitler», por ordem do seu chefe.

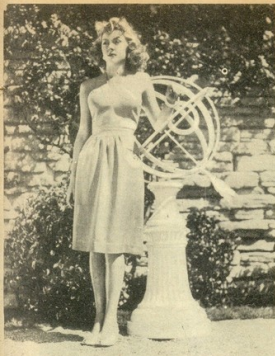


A CIÊNCIA PELA IMAGEM



Instrumento de beleza ou de tortura?

Um málo de beleza de Chicago acaba de apresentar um novo aparelho que ondula e seca o cabelo simultaneamente, em vinte minutos apenas, ou seja em menos de metade do tempo geralmente necessário. Cada caracol é enrolado a doze carretéis perfurados de madeira, através dos quais passa ar comprimido quente. O produtor deste novo instrumento possui já numerosas encomendas para o dia em que possa entrar em produção intensiva. Parabéns às leitoras! O novo aparelho de suplicio deve estar a chegar à Europa!



Gloria Graham, uma nova vedeta que começa agora uma carreira. Se o talento corresponder à plumagem, não-de concordar, leitores, que esta rapariga não tardará em subir a inmensa calçada que a leva direitinho aos pináculos do próprio nome...



Cantinflas, o extraordinário cómico mexicano, o artista mais bem pago de Hollywood, visita os estúdios da Metro, e trava conhecimento com o seu compatriota, a nova estrela Linda Winters. E que é lindo, não resto dúvida, leitores!



Lembram-se da Lassie, o maravilhoso acólito, protagonista de «O Regresso»? Aqui o tãrn, no estúdio, ocupando o posto que o engenheiro de som deixou vago por momentos... E se o ovidro dos cães é tão apurado como o fero, não há dúvida que Lassie é capaz de dar boa conta do recado...

NOTA DA SEMANA

PARA fazer um estágio nos centros experimentais americanos de 16 m/m, parti, há dias, para Nova-York, o crítico e técnico cinematográfico Raúl Faria da Fonseca, que virá a regressar a Lisboa o departamento da Metro-Goldwyn-Mayer de formato reduzido.

Cumprisse, deste modo, a primeira fase dum programa anunciado e que merece ser posto em relevo, pois o mesmo equivale a dizer que os centros populacionais que até aqui se encon-

travam privados do espectáculo cinematográfico, por carência de salas próprias, vão, dentro de alguns meses, beneficiar do novo serviço de distribuição de formato reduzido, que lhes levará, sem prejuizo da qualidade espectacular, os melhores e os mais recentes filmes da grande firma americana.

Como se sabe, a Metro-Goldwyn-Mayer — e outras firmas estão pondo em acção idêntica iniciativa — para «reduções», para 16 m/m, de todos os filmes que saem dos seus estúdios em formato normal (35 m/m), e graças às vantagens que aquela medida proporciona será possível levar o espectáculo de imagens animadas a vilas, aldeias ou simples locais cujos núcleos populacionais não eram suficientemente numerosos para permitir a construção dum cinema e muito menos ainda a sua exploração regular e normal.

Assinalamos, portanto, a execução da primeira fase da campanha — desejando a Raúl Faria da Fonseca todas as facilidades e êxitos na missão de que justamente, pela sua inteligência e qualidades, foi incumbido.

OS MORTOS DO CINEMA

18 jornais americanos e franceses trazem-nos a notícia de que desapareceram do número dos vivos alguns artistas cujo nome o cinema popularizou. Assinalamos o seu passamento com breve referência biográfica, em tributo dos momentos de alegria que nos proporcionaram com o seu trabalho.

HENRY ARMETTA

É possível que o leitor não ligue imediatamente o nome à pessoa. Henry Armetta aparece constantemente na tela, ora como professor de canto, ora como «maître de hotels». Quando era preciso um italiano explosivo e facilmente irritável, Hollywood não pensava noutra pessoa. E la logo buscar o bondosíssimo Henry Armetta, italiano de nascimento, e que vivia na América desde 1914, data em que abandonou Palermo, a sua terra natal. Segundo as estatísticas, o magnífico actor interpretou mais de 300 papéis, desde 1929, data em que começou a dedicar-se ao cinema.

A popularidade de Henry Armetta pode medir-se por este facto: entre 8.000 actores, obteve o quarto lugar dos que nesse ano estiveram mais tempo ante as câmaras de filmar. Morreu com 57 anos, em San Diego. E vamos vê-lo ainda em «Brilham as Estrelas» (Thank you lucky Stars), o último filme da sua carreira.

JEROME KERN

Jerome Kern não era um actor, mas um compositor musical de grande renome. Nasceu em Nova York, onde morreu, começou a carreira como pianista da saudosa Mary Dressler. Em 1912, escreveu a sua primeira ópera «The Red Petticoat». Desde então, até 1929, com excepção do ano de 1914, nunca deixou de ter pelo menos uma peça em cena, na Broadway. Em 1934 foi para Hollywood, escreveu partituras de filmes. Cienas dois que estão na memória do público: «A Voz do Amor» (I Dream too much), com Lily Pons, e «Ritmo Louco» (Swing Time), grande êxito de Fred Astaire e Ginger Rogers. Muitas das suas operetas tiveram versões cinematográficas, como por exemplo «O gaio e o violino», com Jeanette MacDonald; «Roberta», com Fred Astaire e Ginger Rogers, etc.

As canções de Jerome Kern popularizaram-se rapidamente. E elas ficam a recordar a sua memória, porque não morrem tão depressa na boca do povo...

GEORGES BISCOT

Quando o cinema não tinha ainda super-produções e os «cine-romances» constituíam o polo da

(Continua na página 14)



Haverá algum homem capaz de resistir a tão convincente sorriso? Se há, não é certamente John Hodiak, que deixa transparecer, no semblante, o interesse pelo que a Lana Turner lhe vai dizer... E quando ela falar, será irremediável... Porque quando uma mulher fala — o homem acredita... E só muito mais tarde, por via de regra, se convence de que não esteve o ouvir uma mulher — mas uma sereta...

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPITULO XXX

As conferências interaliadas



das mais altas funções e o futuro da humanidade conduziriam a uma divãrio irremediável de esforços, à derrota e ao aniquilamento.

O mérito da sua acção constituiu, sobretudo, em nunca haverem perdido de vista essa noção fundamental, da qual dependia o curso dos acontecimentos e que condicionava as perspectivas do futuro. Até que um dia foi atingido prematuramente pela morte, quando a vitória comum era já uma realidade inelutável, a amizade que os uniu manteve-se sem mácula e sem sombras. Churchill tinha o instinto leonino dos lutadores que acariacim, desde o berço, o sonho magnífico das grandes realizações. Roosevelt, o temperamento calmo que só a prática quotidiana das virtudes interiores e religiosas lhe regia. No seu contraste e da fusão destas qualidades, opostas e contraditórias, que resultou a colaboração ininterrupta do Presidente dos Estados Unidos e do chefe do Governo da Grã-Bretanha, símbolo real da fraternidade de armas que unia os dois povos anglo-saxões no meio da maior tormenta da história registada. Na sequência dessa cooperação, activa e fecunda, o encontro em Agosto de 1941, quando os Estados Unidos ainda não haviam abandonado a neu-

realização desse objectivo inicial consistia em fazer avançar, rápida e simultaneamente, as forças aliadas que, sob o comando de Montgomery, tinham partido do Egito e as que, sob o comando de Eisenhower, tinham alcançado a fronteira da Tunísia, encerrando a África Korps, de Rommel, e os Italianos, de Messe, no território do protectorado francês, levando-os a rendição que nos termos do acôrdo anglo-americano foi a ser estabelecido em Casablanca, teria de ser incontestável.

OS PERITOS INGLESES E AMERICANOS NA CONFÉRENCIA

O Presidente dos Estados Unidos e o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha foram-se acompanhando a Casablanca pelos mais categorizados chefes militares ingleses e americanos, o que permitia-se se justificava dada a importância da obra a realizar na Conferência.

Com o Presidente dos Estados Unidos encontravam-se os chefes dos três serviços: exército, marinha e aviação, que eram, respectivamente, o general Marshall, o almirante King e o general Arnold. Com o Primeiro-Ministro britânico estavam, igualmente, os chefes dos serviços milita-

COM a entrada dos Estados Unidos na guerra, em Dezembro de 1941, e com o desembarque dos americanos no Norte de África, apenas um ano depois, a guerra entrara decididamente numa fase em que o poder industrial e militar daquele país devia tornar-se rapidamente um factor determinante. A tarefa que os acontecimentos assim confiaram aos seus homens de Estado e aos seus chefes militares não se confinava, apenas, na resolução dos problemas estratégicos que o curso da guerra tornava imperiosos. A política e a diplomacia americanas iam passar a desempenhar, na representação do grande drama que convulsionava o mundo, um papel preponderante.

No final de 1942 era já evidente que a acção dos Aliados num dos mais importantes teatros de operações, o Mediterrâneo, mudara a face dos acontecimentos, e que se impunha uma acção enérgica e decidida a fim de que os benefícios tão rapidamente alcançados se não perdessem por inércia ou incompreensão dos dirigentes aliados. O êxito com que esse desembarque decorreria, a relativa facilidade com que os soldados dos Estados Unidos se instalaram, com toda a sua espantosa organização administrativa, numa frente de batalha vital para a decisão da luta, a criação de condições estratégicas inteiramente novas e francamente desfavoráveis que, por virtude disso, se haviam suscitado para as forças do Eixo que se encontravam encarregadas de acautelar a defesa da fortaleza europeia no agitado africano, tudo concorria para fazer supor que a próxima fase da luta se desenvolveria sobretudo à volta do Mediterrâneo e dos territórios que ficam próximo deste mar.

No mesmo tempo que, na frente oriental, prosseguia o gigantesco duelo entre o germanismo e o eslavismo, representados no campo de batalha pelos dois mais poderosos exércitos do mundo, e que no Extremo-Oriente os aliados conseguiam, finalmente, deter o ímpeto ofensivo dos nipónicos que pareciam definitivamente impedidos de continuarem a sua marcha triunfal em direcção à Austrália e à Índia, as hostilidades no Mediterrâneo, no Norte de África e no sul da Europa iam conhecer um período de intensa actividade cujo resultado final não podia deixar de ser o afastamento da Itália, potência que, apesar de todas as deficiências de que a sua intervenção se revestia, continuava a constituir um obstáculo sério para o prosseguimento da guerra por parte dos aliados ocidentais.

Uma amizade fraternal uniu durante o curso do Presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, e o Primeiro Ministro Winston Churchill

A AMIZADE FRATERAL DE ROOSEVELT E CHURCHILL

Um dos factores que certamente mais contribuíram para que a guerra tomasse, desde o fim de 1942, uma feição nitidamente favorável para a causa dos Aliados foi a amizade fraternal que, ao longo de todo o perturbado período da luta, uniu o presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, e o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, Winston Churchill. Estes dois homens, que o destino parecia ter fadado para se não entenderem, dada a posição irreductível dos seus temperamentos pessoais, da sua formação espiritual e da sua linha de conduta política, compreenderam, desde o primeiro momento, que as suas divergências, se porventura viessem a reflectir-se no quadro da guerra em que estava a ser decidido o futuro dos povos que os haviam designado para o exército

traldade, constituiu o primeiro elo duma corrente que ia ser reforçada por um série de novos contactos pessoais durante o ano crucial de 1943.

AS RAZÕES QUE LEVARAM A CONVOCAÇÃO DUMA CONFÉRENCIA ANGLO-AMERICANA

São conhecidas as razões que levaram à convocação, em Janeiro de 1943, duma conferência anglo-americana que se reuniu em Casablanca durante alguns dias e cujos resultados não tardaram a fazer-se sentir na marcha das operações militares. Como todas as conferências que tiveram lugar enquanto as hostilidades prosseguiram, e não se manifestou qualquer sintoma de diminuir a sua intensidade, a de Casablanca foi uma conferência predominantemente militar, embora, naturalmente, também se abordassem em quasi todas as outras, se houvesse tratado de política e os temas diplomáticos tivessem sido objecto de conversações e trocas de impressões. Para assentarem na execução rápida dum programa militar de grande envergadura com uma finalidade concreta e um objectivo distante. Em primeiro lugar era indispensável expulsar o mais rapidamente possível as forças do Eixo que ainda se encontravam no continente africano levando-as a render-se ou a rembarcar para a Europa. A execução desta tarefa, embora não fosse fácil, não oferecia obstáculos intransponíveis.

O fundo da estratégia a pôr em prática pelos anglo-saxões para a

res do exército, da marinha e da aviação, general Alan Brooke, almirante «Sir» Dudley Pound e marechal do Ar, Charles F. Brereton. Estes homens conheciam-se suficientemente já para poderem trabalhar com espírito de equipa e realizar obra eficaz.

Mas além dos chefes de serviços dos dois países, outros peritos militares estiveram igualmente em Casablanca, colaborando na organização dos planos que deviam conduzir, em primeiro, o ataque ao continente africano, e mais tarde à rendição da Itália. Entre outros peritos militares que participaram activamente nos trabalhos da Conferência de Casablanca estavam o marechal «Sir» John Dill, que era o chefe da missão militar britânica em Washington, o representante da Grã-Bretanha na comissão anglo-americana que se constituiu em Washington, o primeiro-ministro britânico e o ministro dos Transportes da Grã-Bretanha, Lord Leathers. Com o presidente Roosevelt tinham vindo de Washington os seus colaboradores diplomáticos, Arthur Hopkins, o homem misterioso da Casa Branca, e Averell Harriman, futuro embaixador norte-americano em Moscovo, e pessoa da íntima confiança pessoal do Presidente.

No decurso dos trabalhos estiveram em Casablanca a fim de serem consultados, além dos representantes diplomáticos ingleses e americanos no Norte de África, que eram, respectivamente, Mac Millan e Murphy, os chefes militares que dirigiam as operações naquela zona, generais Eisenhower, Mark Clark, Alexander, Almonde Cunningham, general Spaatz e marechal do Ar, Tedder, estes dois últimos não oferecendo obstáculos das forças aéreas em operações no Mediterrâneo.

(Continua)

MR. ROBERT MURPHY

LORD MACMILLAN

MADRID DE HOJE...

BOATOS
DE INVERNO
PELA CALLE
DE ALCALÁ...

Os primeiros casacos de peles apareceram em Alcalá... Os primeiros casacos de peles e os primeiros sobretudos, que os madrilenos já temem frio. Após um começo de Outono incompreensivelmente seco, que faz acobardar os «caldeas» madrilenos, temerosos de se quedarem sem água e sem luz, as primeiras chuvas caíram há dias, não para contentarem os senhores do «Ayuntamiento», mas sim para alegrarem as elegantes já fartas de trajos frescos e de pernas ao léu... Nada e ninguém. Como a mulher sente o prazer da mutação, da variedade, o deleite de se sentir diferente... E este anseio de ser diferente

não se limita unicamente ao vestuário — a mulher verdadeiramente feminina, a mulher verdadeiramente mulher, engoma o cérebro todos os dias ao sabor da opinião...

É que com os novos-velhos» abrigos de peles apareceram também novas palavras estupidas de pedante que as «chicas-bien» nos atraem por entre o fumo dos «seus» cigarritos que nos saíram da algeibra...

Mas não se pense que as primeiras chuvas, após meses e meses de uma atroz seca, trouxeram uma cara triste a esta descomunal Madrid. Pelo contrário, a cidade ganhou novos alicios de bom

humorismo, os teatros estrearam novas comédias, películas inéditas alegraram as «pantallas» já cansadas de estrangeirismos — quer dizer, o madrilenos não se preocupou com o cair da folha nem sentiu verdadeiramente a falta de água no grande «estanque» do Retro...

E a cidade, que mal lavou a sua fachada, sob o doce infinito de um céu muito azul, não perdeu o seu riso tradicional e a sua cor de velha «gatetras» sempre alegre...

Madrid, ao contrário de Lisboa ou Porto, não teme o inverno. Quer faça sol, chuva ou frio, ou cala neve aos quintais, ninguém deixa de sair para o «vermute» ou para o «café»... É mulheres e homens, trabalhadores ou burgueses, entre as sete e as dez da noite todos entram no seu «bar» ou no seu café habitual. E só assim se compreende porque em Madrid há centenas e centenas de cafés e «bars»... Decididamente, o inverno não é coisa que interesse muito os «gatos» e as «galitas», nome pejorativo que os simpáticos madrilenos aceitam de bom humor. E enquanto as ruas madrilenas não se atapetarem de grossa alfombra de neve, a ninguém lhe passará pela cabeça que o *Señor Don Invierno haya ya llegado*. Mas há coisa de uma semana caiu neve na Serra do Guadarrama, a Imprensa falou do caso, os «gatos» comentaram a notícia, e... correram boatos de haver chegado o frio. E, afinal, era verdade — os casacos de peles tinham um Justificação aos olhos dos «Don Juans» de gabardine que preferem os «maillots» com pintinhas ou sem pintinhas...

O frio chegou a Madrid. Mas aqui há carvão e conhaque com abundância, graças a Deus e... A casa Domecq! A neve que caia quando quiser...



Esta é a impressionante «Cibele»



São assim majestosos, os prédios de Madrid de hoje



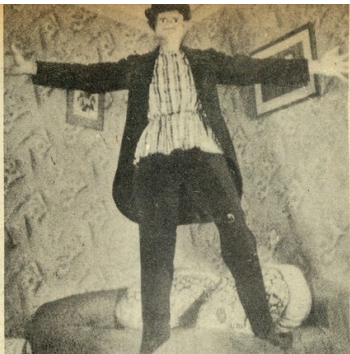
O Banco Central e outro aspecto da capital espanhola



CRÓNICA DO NOSSO
CORRESPONDENTE
EM ESPANHA,
LUIZ DE QUADROS
DOCUMENTAÇÃO
GRÁFICA DE
JORGE GARCIA



Depois põe o cachimbo e vê, ao espelho, se o parecidoz lhe agrada...



Um encanto, não é?



O miúdo não parece muito assustado!



Custa, realmente, o acreditar, que este homem não esteja caracterizado!

POPEYE EM CARNE E OSSO!...

Chama-se Edmond Goblet este marinheiro suíço que, pelos vistos, transforma, como quere, as suas feições!

Aqui o vemos tal e qual o famoso «Popeye» dos «Desenhos animados», e noutras suas «criações» de não menor interesse!

É claro que as crianças deliram com a arte de Edmond Goblet, excepto quando ele lhes aparece feito fantasma...

Os seus camaradas da marinha não o largam, para que ele os divirta com as suas «mascaras». E já tem conseguido, sem qualquer «maquillage», apresentar 26 caras diferentes! E como Goblet é, além disso, um artista em mímica, ele acaba constituindo, quando está bem disposto, um espectáculo completo!



A esposa e o filho também se divertem com os paródias de Joblett!



Mas aqui já ele está, defacto, apavorado!

PÁGINA LITERÁRIA
por Álvaro Salazar

PRESTÍGIO DO ROMANCE

POR motivos que alguma vez convirá analisar demoradamente, o romance tem conquistado nas novas gerações literárias portuguesas um prestígio que há alguns annos mal podia reverberar. Mesmo a poesia parece ter perdido grande parte do seu crédito espiritual — e o regresso ao gósto pelo teatro parece ad agora esboçar os primeiros passos entre nós. Talvez se tenham revelado insufficientes nos seus meios de expressão humana todos os géneros com excepção do romance para gerações arrebatadas pela paixão imediata e actualidade de uma vida social renovadora; talvez os acauses, ou melhor, as razões que difficilmente se determinam, tenham obrigado a parecer demasiado pobres as produções poeticas e de outros géneros perante o espirito novo. A verdade que o romance triunfa em toda a linha na produção literária de agora — contagiando mesmo com a sua atracção escritores de grande nome que o tinham abandonado.

Seria oportuno e interessante estudar o fraco interesse do romance para as gerações que antecederam literariamente as actuais e, sobretudo, para a que se exprimita no grupo da «Presença»; estudar a razão essencial do dramático significado psicológico e social que parece ter, por exemplo, o «Jogo da Cabra Cega»; estudar os factores determinantes de um livro como «Adolescentes», agora publicado por Casals Monteiro — e, acima de tudo, essa espécie de evaziamento do interesse humano colectivo que em essas e outras obras se azeitam. A questão não é abmente literária, sem dúvida — e deve envolver e implicar todo o processo de uma época que recuou ao homem innumeras vezes levando o escritor ao refúgio interiorista ao protesta frágil pela evasão e à dúvida inquietada sobre todos os fundamentos sociais da alma humana.

FAÇA DE PAPEL

Agostinho da Silva reuniu num volume da nova série que vem publicando, «Moisés e outras páginas bíblicas» — uma das suas mais perfectas e eloquentes biografias e pequenas glossas em que o seu estilo de moralista se revela admirável expressão. A nova serie de trabalhos deste escritor, editada ultimamente, constitue na literatura, no pensamento e na vida cívica de hoje um dos mais profundos e sérios documentos que elle tem concebido.

Rodríguez Caballero e Eduardo Dias compilaram em volume especial algumas das mais interessantes e paginas de viajantes estrangeiros em Portugal até ao fim do século XVI, sob o titulo «Memórias das viagens». Os prefácios dos dois compiladores, correspondendo a visões dife-

rentas mas complementares do significado dessas paginas, contendem agradavelmente o leitor ao contacto dos textos que lhes são oferecidos adaptados ou traducidos cuidadosos.

«A Academia do meu tempo apresenta», uma breve e curiosa evocação do espirito universitário coleccionado a partir de 1920. Escrito com manifeste sinceridade, algumas vezes com mal contido gósto, o livrinho terá interesse para muitas paginas académicas ou até para meios estranhos que saibam comprehender o seu significado. Uma carta expressiva de Francisco Salgado Zenha confere maior valor e actualidade ao volume.

«Nóte sem Estrelas» é o titulo de uma colecciona de contos de Ferro Rodrigues editada pelas «Edições Universas». Os contos são simples, despretensiosos, e algumas vezes revelam dramatismo de intensa significação humana.

«ADOLESCENTES», por Adolfo Casals Monteiro

A estreia do poeta e naturalista Casals Monteiro no romance foi esperada e acolhida com o entusiasmo de uma experiencia típica da literatura. Não se pode dizer que o apparecimento do livro contastasse plenamente a expectativa — pois resultam nele muito mais interrogações do que certezas. O processo de construção de «Adolescentes» é mais característico da novela que do romance, pelo andamento muito rápido das descrições de ambiente, pela illimitada intrusão essencialmente a duas personagens, pela redução dos problemas latentes nas suas almas a um único problema. Há consernações pessoais do autor integradas na estrutura impositiva da narrativa que também o livro não fosse facil explicar porque — muitas paginas de Román Hollán e com a sua técnica deficiente de romancista. Mas por outro lado, Casals Monteiro possui a grande arte de fazer sentir por quem o lê como mais extraordinarias as coisas mais banais — sem dúvida aquellas de que se compõe a vida de todos nós.

Quanto ao estilo, deve dizer-se antes de mais nada que o livro é magnificamente escrito, revela uma unidade forte de expressão e possui o equilibrio apurado e fino do escritor muito experimentado na cultura e na composição literaria. Casals Monteiro representa muito bem, por imitação dos simbolos, os monólogos interiores das personagens, reflectidos e objectivados pelo dialogo. Não se nota mais fortemente que fala eloquentemente por si mesma. São deficientes o dominio do dialogo, que sempre muito forçado e pouco natural, ao contrario da descripção indirecta de sentimentos e circumstancias em que a sua segurança de estilo se revela plenamente.

O drama implicito e expresso no romance, porém, é demasiado restrito para a forma tão bem cingida à expressão lírica. Não se nota mais fortemente o contraste entre a fluencia allucadora do estilo — que também envolve os simbolos, como a security extrema procurada por outros escritores de «Adolescentes» — e o sentido vivo da historia, que a elle se forma, mas se evalui com frequencia na seccão dos sermões longos e rícos. O tema do romance é sensivelmente pobre. Pobre são também as circumstancias sociais e humanas em que elle se desenrola e a descripção dos antecedentes dos protagonistas. Os caracteres não são sufficientemente desenhados quanto a sua inclusão no ambiente real e colectivo — sobretudo no seu conteúdo humano, e sermenos no livro, precisaria de ser mais expressamente intelligivel. E como o autor não se dá conta de que é facil ao leitor perceber por que motivos André, personagem domi-

nante, a considera e afirma incomparavel...

O traço de mais profunda humanidade, de mais sincera e expressa representação em todo o romance — algumas vezes na forma quase directa do monólogo do protagonista perante o leitor — é essa verdade tão actual de que todos nós carregamos um fardo comum de solidão e amargura. Seria impertinencia, sem dôvorsar a procurar neste livro o cunho da autobiografia; mas parece que elle tem a sua génese, necessariamente, no estado de espirito auto-biográfico — essa tendencia, tão manifesta no romance de Casals Monteiro para dilatar angustiosamente o sentido dramático de certos estados intimos, como a timidez, o tédio, a amargura da solidão. Chega a ter demasiado violenta, por vezes, a dramatização das monotónias e fadigas interiores — drama real, no entanto, de uma geração que não pôde ou não quer encontrar o seu verdadeiro destino e impô-lo vigorosamente à sociedade estagnada em que se deixou naufragar. Mais o faz sentir ainda o mundo árido e cruel, um mundo quase só de ruas e de casas, em que Casals Monteiro montou o palco deste drama onde se representa a pesquisa do amor e onde se envolverem horizontes mais largos de natureza e de vida. Não está ainda, em conclusão, que certas figuras secundarias do romance — infelizmente muito circunscritas na sua contextualidade — são primorosamente esboçadas, em síntese nitidas e bem definidas, como no caso de Maria Clara.

Brilhantemente escrito, muito interessante, «Adolescentes» — esse romance de Casals Monteiro pode muito bem ser a annunciação de uma mais rica e mais poderosa obra do mundo de alvoradas em que vivemos.

ADOLESCENTES
POR CORRESPONDENCIA, PICA FOLHETOS GRATIS

ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO
A. D. DE MANUEL LADANZEIRA, 12-PORTO

AS SUÍÇAS

INDIVIDUA na sua constituição trilingue, a Suíça deviera apresentar três correntes literárias distintas, sob a hegemonia das três nações que confinam com ella: a Franca, a Alemã e a Itálica. Mas, apesar do povo, todavia, uma unidade espiritual que contraria essas facturas de dispersão e confere aos seus escritores uma unidade de pensamento exprime-se a mesma alma ou as mesmas aspirações profundas para além das paisagens que as representam. Quando Sainte-Beuve foi a Lausana, faz agora um século, colher elementos de estudo para o seu grande trabalho critico sobre a escola de Port-Royal, não deixou de notar essa indole que proporcional a Suíça uma literatura muito sua: «O espirito desapaesado, em certas ordens de ideias estão unidos por uma forma típica de expressão; apresenta uma síntese especial de elegancia e prudência, um mérito sólido e delicado, de certo modo íntimo e alheio ao brilhantismo exterior».

O calvinismo marcou com o seu traço indelevel a maioria das intelligencias cultas desse país, elevando-as da movimentada paixão exterior para os problemas intimos, casos de consciência, dramas do dever moral — numa séria análise que a literatura não foge mais que se alimenta. Leia-se, por exemplo, esse livro que faria tanto bem aos leitores portugueses do romance britânico a biografia critica das Irmãs Brontë, por Robert de Traz, ensaista suíço de penetrante attenção para as crises de consciencia e de representação. Leia-se as paginas ardentes e secas de C. F. Ramuz em que se vive o drama de um misticismo Impressionista. Leia-se os romances de estilo hírto e sobrio que Jacques

Chenevier consagrò a gente da sua pátria. Uma unidade espiritual que, veris simo, é gionalismo universalizado através da formação calvinista, ligo esses escritores de temas diversos.

São ainda conhecidos em Portugal, através da expansão literária francesa, escritores como Gonzague Reynold, ensaista de historia literaria que viu o nesso pais com certa ironia; o pensador filosófico e brilhante critico Denis de Rougemont, talvez Charles Baudouin — para só citar os vivos.

Os escritores contemporâneos da Suíça renovaram o romance pela mistura intensa de inspiração romântica e sonhadora, com o realismo psicológico e a observação meio irónica, met em que se desenrola a vida. Já lhes foram apontados como influentes da sua caracteristica concepção do romance escritores de tendências tão diversas como Benjamin Constant, Anatole France e Mauriac.

Acompanha esta legenda o retrato de Gonzague de Reynold, pensador católico que parece atraído ultimamente pelo drama lírico em que a fantasia se reúne à preocupação histórica.

Não é o mais representativo, sem dúvida, dessa literatura suíça que parece inspirada por mais largo entendimento dos horizontes da vida, e que na prática das inquirições morais se avalia facilmente em cepticismo lígtero. Mas representa o historicismo do parente ingenuidade ou interesseiro facciosismo das observações que se encontram em Portugal por três motivos de interesse maiores do que os de qualquer outro escritor suíço da actualidade.

Gonzague de Reynold

JANELA
ABERTA

GADOLAS DE PÁSSAROS

POR MANUEL MARTINHO

FIZERAM, há pouco, uma nova exposição de pássaros engaiolados.

A história burguesa desse luxo certo, com entradas pagas, repulose mais uma vez.

Gente apressada, contente e feliz por poder, no aparato mundano, deslizar os vestidos do último figurino, andou, pelas amplas salas, atupetada, a admirar os festivos trindades da passerada — com o ar piedoso e exclamativo:

— Extraordinário, este rouxinol! Os donos, ufanos e vaidosos, bem vestidos de cheviote caro, enverizados de sociabilidade, recebendo correctamente, não podiam esconder a emoção daquela alegria: «os canários admirados por tanta gente!».

Não se vai aqui dizer, claro, que as aves pertencem à Natureza. Que aprisioná-las é um crime — ainda não previsto pelo código, mas que deixa nódoas no sentimento de humanidade que o homem deve possuir...

Evidentemente que a propósito disso se falará dos tiros aos pombo — espectáculo deprimente — das touradas, da caça, de mil troyellas que o homem inventa para provar que continua — fora o leão da fábula — a ser o rei dos animais.

Mas não se trata da prisão dos pássaros — mas da exposição. Mas não sabemos, na verdade, como se há-de atribuir um prémio honroso a um canário que canta exactamente como todos os canários — isto é, abrindo o bico. Também não se percebe muito bem onde há-de o júri descobrir, entre penas, a «beleza ideal».

Nós já tivemos essa mania dos concursos.

Filho de Almeida, numa crónica, chamou a atenção da policia para esses espectáculos vergonhosos, quase de prostíbulo que eram os concursos de beleza — com pernas nuas e espáduas à mostra.

E o pior da questão é que, mal se anunciava o concurso — as bilhetelhas abriam logo com bons lugares, providos de bilhéculos.

As vezes evocava-se a beneficência para vir colaborar naquela farada ignóbil — onde se exhibia, entre o chá elegante, a miséria moral de meia dúzia de mulheres contratadas à hora.

Felizmente, essa onda passou. E os concursos, agora, são unicamente — ou de bichos ou de fatos.

Exibem-se os cães, os macacos, os pássaros — os casacos, as salas e os chapéus.

Para tudo há publico.

Uma coisa, porém — diz-nos um amigo excêntrico — deve existir naquele ambiente festivo onde os trindades da passerada são gritos de desespero, e que, infelizmente, é vedado ao raciocínio dos homens:

O que pensar daquele elegante desfile do pobre canário engaiolado?

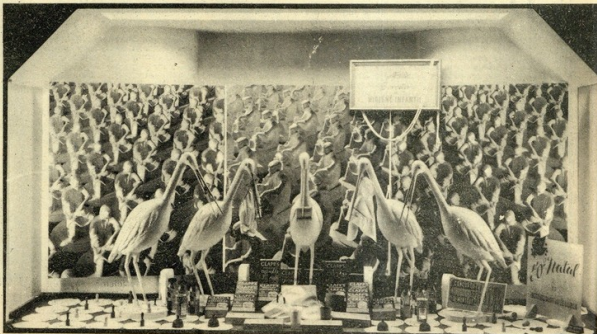
Pela terceira vez, o Instituto Pasteur de Lisboa foi classificado com o 1.º prémio no Concurso de Montas, promovido pelo S. N. I. A taça de prata respectiva, foi atribuída à sua montro da Secção de Higiene Infantil, cujo arranjo e composição são de Fred Krödler, com fotografias de Mário Noveis.



Em virtude da sua promoção a major, foi colocado no Funchal o nosso amigo sr. Afre Nozes, oficial sabedor e distinto, que exerce até há dias as funções de sub-director dos Serviços de Censura. Os seus camaradas que prestam serviço no Censura, querendo prestar-lhe uma justa homenagem ofereceram-lhe, na véspera do partido, um «Porto de Honra» de despedida, de que esta foto nos dá um aspecto.



Realizou-se, num restaurante da capital, um «cock-tails oferecido pelo «virtuose» do piano Moisevitich, em honra da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, que actuou com aquele ilustre pianista em quatro concertos, em São Carlos.



EM TODA A PARTE PODE ESTAR UM ARTISTA

GUALDINO GOMES

VISTO POR UM CRIADO DE CAFÉ

tem tempo para descobrir novidades.

A sua mesa, no café «Chiado» ou na «Brasileira», está sempre rodeada de admiradores. Gualdino conversa primorosamente. Lembra-se de tudo. Recorda factos, anedotas, incidentes literários de gerações.

Os novos vêem nele o pontífice das letras. Pode dizer-se que a sua crítica sincera tem encaminhado muitos escritores na senda das letras.

Bondoso e sereno, às vezes a melancolia vem encobrir o sorriso dos seus olhos.

Sentado na cadeira com a chavena à frente, os amigos afastam-se. Ele quer meditar.

E fica sózinho. É um mundo que rola à sua frente. Um mundo distante onde há sombras que o tempo ainda não conseguiu esfumar, perfis que vivem animados pela sombra triste duma saudade...

Sim, Gualdino recorda a sua juventude, os seus companheiros — tudo que a vida destruiu.

Foi num desses momentos que o José Lopes, o criado do café «Chiado», que tantas vezes o tem servido, de lápis e papel em cima da bandeja, fez o sua caricatura.

Quem conhecer Gualdino Gomes

(Continua na página 16)



Gualdino Gomes

GUALDINO Gomes, o seu espírito, o seu chapéu, a sua barbecha, estão aqui, animados pelo lápis dum caricaturista. O caso não, teria importância. Gualdino tem milhares de caricaturas, retratos de artistas célebres, bustos de escultores — e o projecto dum monumento onde, em pleno coração do Chiado, o seu monólito, faiscante, profundamente esqueloziano — perdão, gualdiniano — há-de ficar, vivo, imortal, a simbolizar o esteta, o filósofo, o poeta — que nunca quis escrever.

Companheiro de Filhão, Gualdino sabe evocá-lo com amorosa saudade, onde perpassam as inquietações do genial contestista que, ao sentir os passos da morte, quis ir morrer a casa, no abraçado Alentejo, desiludido da cidade onde se queimou o pobre Manuel.

Aquillo conta no prefácio dum livro a gratidão que deve a Gualdino Gomes. Era, então, a estreia do vigoroso serrano, o homem que exerceu no anémico vocabulário a poderosa seiva clássica de Bernardes e Vieira, e embora o livro viesse quente daquele barro arrancado à montanha, Aquillo queria mostrar ao pulido Chiado, onde a cultura é como a brhanitina — à superfície para dar brilho — a vida forte, tostada do sol, onde o chá, o arado, são epopetas...

Gualdino Gomes, de livro no bolso do sobretudo, entrou com de na «Havaneza», na «Brasileira». Subiu três vezes o Chiado — e, à tarde, entre amigos, lá, saboreando com enlevo as melhores páginas. Perguntaram-lhe quem era o autor. Gualdino, à sorrir, mostrou o volume. Aquillo estava lançado.

Evidentemente que o prestigio de Gualdino Gomes deriva exactamente da cultura que a sua vida oficial, na Bibliotheca, lhe exigia. Viveu sempre entre livros.

E ainda hoje, quasi a caminho dos 80 anos, ele que leu tudo — ainda



A fachada do novo estabelecimento

UM NOVO E ELEGANTE ESTABELECIMENTO

RÁDIO PROGRESSO

NO Largo do Calhariz, números trinta e um, trinta e dois e trinta e três, abriu, no princípio deste mês, um novo estabelecimento, para venda de aparelhos de Rádio das melhores marcas, acessórios e artigos vários de electricidade. Pelo luxo e bom gosto das suas instalações, o novo estabelecimento logo chama as atenções de quem passa naquela tão frequentada artéria citadina, e todos são unânimes em afirmar tratar-se duma casa que, pelas suas instalações, bem pode colocar-se entre as mais elegantes de Lisboa.

As montras, decoradas por Santana, um dos nossos melhores artistas, são inexecíveis de bom gosto.

Neste estabelecimento, dirigido por um dos mais antigos e conhecedores técnicos da especialidade, o sr. Rogénio Adriano (Trindade), um nome que significa confiança na qualidade dos artigos, serão apresentados, além de outros aparelhos de superior categoria, os aparelhos duma das primeiras marcas inglesas: — Ferguson — insuperáveis pelas suas linhas e perfeição de sonoridade.



Detalle do interior de «Rádio Progresso»



Numa das fábricas da firma Mosaicos Sial & Goarman, em Santo Amaro de Oeiras, realizou-se um almoço de confraternização dos gerentes e empregados dos estabelecimentos do sul e norte. Presidiu o sr. Guilherme Cardim, que tinha à sua direita o sr. Joaquim Matias, e à esquerda o sr. Carlos Raposo. A festa decorreu num ambiente de grande amizade e camaradagem, tendo usado da palavra, além do sr. Guilherme Cardim, os srs. Joaquim Matias, eng. Quintanilha Pinto, director técnico das fábricas, Manuel Marques, que tem 70 anos de idade e 54 de operário da Fábrica Goarman, e Porfirio Correia, encarregado da fábrica de Alcântara. Os estabelecimentos do Norte estiveram representados neste almoço, oferecido pela gerência, pelo sr. dr. Miguel Pilé, em representação do gerente, o seu irmão Carlos Pilé, e pelo empregado Abílio Melheiro.



(1) Helza Costa, (2) Elvira Amato, (3) Maria Júlia Aguiar, (4) Tere de Frazarolim, (5) Lúcia Mar-
 chese, (6) Maria Luísa Vidal Romão, (7) Cecília de Brito, (8) Olívia de Castro, (9) Maria Antonia de Sousa,
 (10) Rita Patrícia Feres, (11) Cláudia Maria, (12) Beatriz Maria de Almeida, (13) Beatriz Rita Pires,
 (14) Lucrécia de Alencar, (15) Maria Adelaide Casado Costa, (16) Maria Palmira Almeida de Silva, (17) Vi-
 víana de Conceição Pereira, (18) Carmelita Colares, (19) Lúcia Helena Maria, (20) Beatriz de Jesus.

(Os primeiros quinze exibidos são do Foto Brasil)

O NOSSO CONCURSO TERMINOU

FORAM ESCOLHIDAS 30 LEITORAS DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA" PARA INTERPRETAREM NOSSO NOVO FILME "MOTIVE" AS QUATRO

É o fim de um grande trabalho de colaboração e de trabalho árduo que deu origem a este concurso de leitoras que se realizou de 27 de Maio a 27 de Junho de 1954. Durante este período foram recebidas e analisadas 10.000 cartas de leitoras de todas as partes do Brasil. A comissão julgadora, composta por 10 membros, chegou a seleccionar 30 leitoras que foram convidadas a interpretar no filme "Motive" as quatro principais personagens. Estas leitoras são: Helza Costa, Maria Luísa Vidal Romão, Maria Palmira Almeida de Silva e Maria Antonia de Sousa. O filme "Motive" será exibido em todo o Brasil a partir de 15 de Julho de 1954. A comissão julgadora é composta por: Helza Costa, Maria Luísa Vidal Romão, Maria Palmira Almeida de Silva e Maria Antonia de Sousa.



As apresentações terminam em homenagem ao último modelo de Modé Proust



Anna Mach, o «Carnet de Excelsior», cantando no Fado do Loureço de Torres

A MODA DE PARIS VISITA LISBOA



Quem depois de muita febre, se desceva com sempre seduzimento



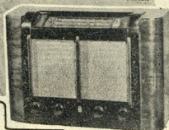
É esta a mais bela das apresentações de teatro, no Teatro de S. Carlos

É a mais bela das apresentações de teatro, no Teatro de S. Carlos. A actriz principal, a Sr. Maria Luísa Vidal Romão, interpreta o papel de Lúcia. O filme "Motive" será exibido em todo o Brasil a partir de 15 de Julho de 1954. A comissão julgadora é composta por: Helza Costa, Maria Luísa Vidal Romão, Maria Palmira Almeida de Silva e Maria Antonia de Sousa.

RÁDIOS DE SOM MARAVILHOSO!



LANA TURNER



CASA

José Costa

AGENTE OFICIAL DE
TODAS AS MARCAS DE
RADIO

RUA DE S. PAULO, 11-13/LISBOA/TEL. 2 4883



No Ministério do Interior realizou-se a primeira reunião da Comissão do Socorro Social.



Na embaixada do Brasil, o dr. Ribeiro Costa entregando ao sr. Bernardino Corrêa, presidente da Companhia Colonial de Navegação, a Ordem do Cruzeiro do Sul, durante o almoço em sua honra ali realizado há dias.



O prof. Abel Salazar falando, na «Tábua Raza», sobre Eça de Queiroz



Um aspecto da assistência ao jantar realizado na Casa de Entre-Douro e Minho, para festejar mais um aniversário da «Tábua Raza»



Teodoro

APRESENTA A
MAIS RICA
COLECCÃO DE
PELES E CON-
FECCÕES NOS
SEUS ESTABE-
LECIMENTOS
DAS

RUA DO CARMO, 29-31
RUA DA PALMA, 117-121

TELEFONE P. B. X. 20784
LISBOA

★ CALÇADA DA GLÓRIA ★



BARBAS ILUSTRES

António Pedro, depois de dois anos em Londres, ao serviço da B.B.C., regressou a Lisboa, recentemente. Encontrámo-lo precisamente no próprio dia em que ele chegou. Achámo-lo mais magro ou, por outra, menos gordo (perdera vinte quilos, disse-nos ele, corando), e ostentava (ele que veio ao mundo de cara rapada) barba — uma barba em forma de péra que ficaria igualmente, ô maravilha, num general ateniense ou num tenor de ópera...

Damos a agradável notícia de que um grupo de amigos e admiradores da barba de António Pedro vai oferecer-lhe (ô barba), um banquete de homenagem ao «Espelho de Água». Trajo obrigatório: barba com condecorações.



SAPATOS ÚLTIMA MODA

A Moda — que, desta vez, nos vem da América — anuncia-nos que os últimos modelos de sapatos se caracterizam por estas particularidades: não terem saltos, nem biqueiras, nem contrafortes, nem solas. Quere dizer: é o sapato-hipótese, é o sapato-sofisma, é o sapato que princípio e acaba por não existir. Decerto não haverá símbolo no mundo que, desde agora, passe a caracterizar o mundo com mais exactidão do que o novo sapato: uma coisa que não se chega a ver — e que nos custará, de certeza, os olhos da cara...



RÁDIOS

Ouvimos, recentemente, por um dos nossos rádios populares, na sua secção recreativa, uma canção que começava assim:

Raparigas, raparigas,
É abrir esses pulmões
E cantar vossas cantigas
Pôr ao largo os corações!

Mas meus caras senhores, em boa verdade, isto não é uma canção: é uma autópsia!



SERA VERDADE?

As últimas estatísticas asseveram, pela força do número, que as raparigas de nariz arrebitado são as que casam mais facilmente e as que têm mais sorte na escolha dos maridos. Será assim? Se, de facto, assim é, não hesitem virginalmente leitoras: arrebitem os vossos narizes — e a felicidade lhes entrará pelas narinas...

Chamada campanha do Socorro Social vem, mais uma vez, chamar a minha atenção para um dos aspectos mais significativos da mendicância: o mendigo de profissão. Pede-se muito por necessidade? Pede. Mas pede-se também muito como negócio. A mendicância profissional constitui uma das nossas tradições. No tempo em que havia conventos os frades vinham à portaria oferecer, à troca dum Padre-Nosso, o escudelo do celido esmolado. Extintos os conventos, a caldo das portarias foi substituído pelos restos do rancho à porta dos quartéis. Enraizou-se o atavismo de pedir; a esmola acabou por converter-se numa espécie de salário — e o mendigo profissional sur-



ANJOS TEIXEIRA, FILHO... DE PEIXE

Este rapaz pálido, magro, como que construído de ângulos agudos, que, uma vez ou outra, passa pela porta da «Brasileira» do Chiado — a porta da Acrópole lisboeta — herdou de seu pai, não apenas o apelido, mas a arte de escultor. Com razão se diz que filho de peixe sabe nadar. Com razão se dirá — pelo menos no caso presente — que filho de escultor sabe esculpir. A escultura é uma das mais difíceis formas de arte. Exige qualidades que se não encontram com abundância. Por isso, os escultores se não encontram a todas as esquinas. Há quem diga que a escultura é a arte dos Deuses. Não sei — porque não sei se os Deuses fazem destas coisas. O que sei é que é a arte dos Anjos... Teixeira — e não levo nada pela descoberta!

Dir-se-á que isto não sucedeu, nem suceda, apenas em Portugal. É certo. Mas as condições precárias em que tem vivido a assistência pública entre nós, o número deficiente de asilos e de recolhimentos, a nossa permanente crise económica e, sobretudo, o nosso sentimentalismo meridional incapaz de assistir a um rogo ou a uma lágrima sem emoção, criaram uma atmosfera de certa forma propícia ao desenvolvimento da mendicância como modo de vida. A campanha do Socorro Social só atingiria, de facto os seus fins altruístas, pelo que diz respeito à protecção aos verdadeiros necessitados, na medida em que conseguir distinguir os que pedem

por necessidade — e os que pedem por profissão. Quantos epobres não têm dinheiro nos Bancos. Quantos pedintes não trazem mais dinheiro no bolso do que aqueles a quem pedem! Há anos um amigo meu contou-me que encontrara a jantar num restaurante certo pobre que costumava pedir-lhe esmola à porta da Igreja dos Mártires, e como lhe notasse a estranheza que lhe causara a sua presença ali, o epobre retorquiu-lhe, com o maior naturalidade do mundo:

— V. Ex.ª admira-se? Pois fique V. Ex.ª sabendo que o Chiado bem choradinho ainda é um bom emprego de capital... Dá uns cem por cento de juro!

Está dito tudo.

**PE-
DIR**

Cartas queiozianas

(Continuação de página 18)

com Sildiana; Godofredo Alves bom trabalhador como Riser, mas bem diferente; e compararmos Machado a Jorge Frontin seria impossível. Há vaços parentescos, mas muito afastados. Sómente o meio é o mesmo — o mundo comercial.

Perante o adúltero, a reacção de Alves é forte, mas atarantada; e em breve difusa: — desavagar singramente a sua honra, salvar a estabilidade da firma são preocupações que se sucedem em deixar relívio de decidido ao carácter. Passada a crise, a vida continua, até que o adúltero, e a culpa, não passado como um *fait-divers* duvidoso. A adúltera torna-se a casa, o lar social, a tranquilidade consolida-se. Machado volta, pouco a pouco, a ser o sócio preterito, o amigo querido. E a firma prospera extraordinariamente. Não houve morte de homem... E vão os nossos rolandos como a roda da fortuna, sempre com bilhetes de alto prémio!

«E agora ali estavam, todos juntos, lado a lado, honrados, serenos, felizes, envelhecendo de camaradagem no meio da riqueza e da paz?»

«As vezes, pensava nisto, Alves não pode deixar de sorrir com satisfação. Havia então no ombro de Alves, lembra-lhe o passado, diz-lhe com um sorriso:

«E nós que estivemos para nos bater! A gente em novo sempre é muito imprudente... E por causa dum talco, amigo Machado!»

«E o outro responde, sorrindo também:

«Por causa dum grande talco, Alves amigo!»

Assim termina Alves & C., o melhor talvez, para manter o equilíbrio — Alves & Machado.

A tragédia Eça voltava em comédia em desfigurante e impiedoso caricatura. Só para obter um sucesso de tertulária!

Alves & C. seria, então, impubescível; Eça cónsul, promotor e zelador dos interesses comerciais, não media ferir tão terrivelmente os brístes da praça de Lisboa...

Fartiu em breve para Newcastle; em Fevereiro de 1874 foi surpreendido com a inserção na *Revista Ocidental* dos primeiros capítulos de *O Crime do Monro*. E a seguir, occupou-se na sua revisão, sendo em 1876 em volume...

Depois — quem diria! — a questão do adúltero voltou ao seu episódio e em Setembro começou *O Primo Bastio*.

Ali não era mais uma comédia lírica, crepitante de ironia avada a cabi em algumas horas, só com rápidos descansos para aparar o seu brilho, foi uma obra que exigiu num ano inteiro, com o maior esforço de concepção, com os máximos cuidados de execução, em moldes artísticos inteiramente novos, apesar de nos lembrar, por vezes, *Madame Bovary*. E embora se não pareça, cremos bem que reteria o romance de Daudet antes de escrever o seu, que se passava em Lisboa, e que um adúltero renata em tragédia.

Depois do enorme sucesso de

Os marcos do cinema

(Continuação da página 2)

atracção popular, ninguém ignorava o nome de George Biscot, o «Biscot» de olhos plecos, que fez as delicias dos frequentadores do Olympia, resolvendo os mais e um problema intrincado de «As Duas Garças de Paris», do «Barrabás» da «Parletta»... Foi Louis Feuillade que lançou nestes filmes famosos e episódios, e Georges Biscot depressa conquistou extraordinária popularidade. Mais tarde, Maurice Champreux, genro e sucessor de Feuillade, é o redactor de «O As do Fim» e de «Cinq Sous de Lavardé».

Depois veio o sonoro, George Biscot tira-se dos estúdios. Tornou-se empresário dum pequena sala parisiense. E só recentemente accedera a reaparecer no «Cine», aliada em boa forma, em «Untel Père et Filles», «La Cace aux Rossignols» e «La Route de Bagne».

Em fins de Dezembro, numa operação de urgência, frouxou-aquelle que foi um dos mais populares e mais queridos actores do cinema francez.

E com elle pode dizer-se que morreu uma época do cinema — o «Barrabás», «As Duas Garças de Paris», os matérios e os romances deso fitas quasi sem fim, e que mantinham a público suspenso do desfecho, de semana para semana...

do *Primo Bastio*, como havia de Eça tentar-se a trazer à luz Alves & C., por mais que aperfeçoado o esboço de 1874.

Mas guardo-o, decreto apreciando como coisa que valia a pena guardar.

Es sem dúvida, tal como ficou, esse trabalho tem muito interesse. E originalidade. Consegue-se, pela espondaneidade da factura, sob a impulsão irónica da *bonade*, em plena liberdade de poesia e critica.

E tem de acerta-se que nenhuma outra obra de Eça é mais realista. Nela a *sáspera* realidades — que Stendhal recomendava — só poderá comparar-se com a de *Singularidades d'uma rapariga louca*, cuja redacção de perto a antecede.

Não é impossível, meu Amigo, que Eça salpente a Alves & C. quando, em carta de 17 de Julho de 1891, dizia a Luis de Magalhães: — Não tenho nada feito em gaveta — senão um pequeno estudo, que, pela sua natureza um pouco *crua*, não convém à *Revista*.

O adjectivo *crua* é bem caracterizante: não há nada mais *crua* na obra queioziana, e a sua publicação na *Revista de Portugal* seria, de facto, um despropósito.

Que queres mais que te diga? Para te confirmar em idêas as minhas hipóteses só se te jurar que foi diante de mim que Eça escreveu Alves & C. em 1874, e que vi em Neully esse estudo social liberto sobre a sua secretária, quando elle acabava de enviar a carta a Luis de Magalhães.

Mas seria talvez demasiado...

Abrança-te o teu velho

LOPES DE OLIVEIRA

Gualdino Gomes

(Continuação da página 11)

vê, aqui, o seu retrato. E é próprio — é a sua bengala, o seu monóculo, o seu chapéu.

José Lopes revela, assim, a sua vocação. Não admira. O *scatés* é ferozmente querido por artistas — e as conversas nunca se afastam dessas temas artísticos.

José Lopes é um rapaz inteligente, vivo.

Aproveita os óculos para aperfeçoar aquella habilidade que sente no desenho. E tem feito progressos.

Esta caricatura de Gualdino Gomes bem o prova.

«E tinhamos» — gritos-poetas, que improvisavam à vista de toda a gente. Há pouco um surtiu com um livrinho de sonetos.

Não admira, pois, que José Lopes, que é ainda novo, amanhã appareça a export caracaturas de tantos clones que éle, respectivamente, serve.

Desportos!

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, accenta de ter compensado, proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.

A precisão dos movimentos obriga a uma perfeita acção de todos os energias

A agilitade e a rapidez de nervos exigem uma perfeita acção de monie entre músculos e nervos

A elegância de movimentos require a máxima elasticidade

A sensação de fadiga, a diminuição de força motora, de elasticidade nos movimentos, de agilidade, de energia, são os sinais de alarme pelos quais o organismo annuncia uma perda de resistência.

Se notar qualquer destes sintomas recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restitui-lhe o equilibrio dos seus nervos e o bem estar fisico, tornando-lhe o desporto facil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu medico e peça sempre o legitimo Fósforo Ferrero A venda em todas as farmacias em caixas de 20 e 40 comprimidos

A força e resistencia combatida desenvolvem musculos solidos e potentes

O equilibrio e a velocidade em baixas temperaturas requerem um maior gasto de energia

A velocidade exige um conjunt muscular resistente e bem tonificado

O impulso e o dominio requerem uma perfeita coordenação nervosa

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUENTE E NUTRITIVO

Lord Byron

(Continuação da página 3)

que manchou irreparavelmente a sua reputação de *gentleman*, se são lamentáveis as suas irreverências contra a sua pátria, o génio com que o enobrecer, e sublimo, o redime da maioria de seus culpados.

As suas irónicas diatribes, os duros sarcasmos, não o desligaram dos usos tradicionais da Inglaterra. Nas Sextas-Feiras Santas, jamais dispensou os plebeios da Cruz. No S. Miguel exigiu sempre a sua patria guardada.

Referem os seus biógrafos mais cotados que, certo ano, fizera comprar uma pata, com antecedência dum mês. Para que estivesse muito gorda, não confiava de ninguém o

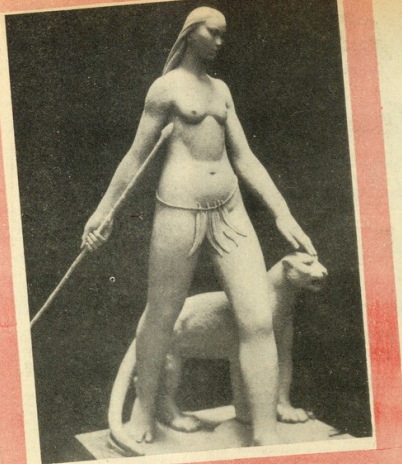
ministrar-lhe alimento. Mas, afeccionado de tal modo ao animal que ao chegar o Vinte e nove de Setembro, mandou comprar outra pata para matar. A primeira trançou-mara-se numa favorita, companheira indispensável que, dentro duma gaiola, dependurada na carroçagem, o acompanhava nas viagens, distraíndo-o talvez com os seus grandes amorsos.

E para não privar o felicissimo bicho dos affectos e docuras da família, ao fim de quatro anos viajara na companhia de quatro individuos que constituíam o *clon* da sua favorita.

Lord Byron que intrinsecamente combatera pela unidade italiana, morreu como herói, batendo-se pelo negro, em 1824.

Chegam a Portugal os primeiros camions da paz!

Acabam de ser apresentados, em Portugal, os primeiros camions «Dodge» para uso civil, construídos após a guerra. Inteiramente novos, autênticos modelos de 1946, podem considerar-se os primeiros produtos da industria da paz que chegam ao nosso país. Do interesse com que estavam sendo aguardados resultou o extraordinário êxito obtido com a exposição desses modelos, realizada há dias, no «Stand» da firma Mário Baptista Coelho, Ltd., Rua Alexandre Herculano, 43, representante em Portugal dessa grande marca americana. É dessa exposição esta foto. Por elle poderão todos os nossos leitores que não puderam visitar este expozição, ficar fazendo uma idéia do que são os modelos de camions «Dodge» 1946



«DIANA DO AMAZONAS»

MANUEL de Oliveira é um dos maiores valores consagrados entre os novos artistas portugueses. Talvez o seu nome não tenha conquistado ainda a reputação que merece no grande público do nosso país, mas já a obteve a sua obra, por estranho que possa parecer aos que vivem alheios ao mecanismo extravagante da publicidade da obra artística. Foram da sua autoria quase todos os trabalhos de escultura que figuraram na secção colonial da Exposição do Mundo Português; já anteriormente apresentara numerosas criações na Exposição do Porto em 1894, na Exposição Histórica da Ocupação, que se realizou em 1937 no Palácio do Parque Eduardo VII. O grande público admira, sem dúvida, as magníficas criações expostas; mas para a maioria passou despercebido o nome do artista, ainda jovem mas já de estilo tão definido e apurado, que ali as levava como fruto do seu escrupuloso trabalho.

Para Manuel de Oliveira, como para alguns outros artistas portugueses das últimas gerações, há uma missão reparadora a cumprir: fazer esperar e crer na sua obra — testemunho de um revigoramento artis-



«Rei D. Denis», no monumento do Ilho do Pico

tico que a obsessão passadista não deixa reconhecer justamente.

Há cinco anos, Manuel de Oliveira foi para o Brasil. Não lhe tinham faltado, certamente, alguns estímulos vigorosos em Portugal — e, sobretudo, a participação tão destacada nas exposições que referimos. Fechas das elas, porém, o escultor de talento e forte capacidade criadora não podia encontrar entre nós o apoio aliciente que seria justo proporcionar-lhe. Foi para o Brasil e triunfou brilhantemente. O ambiente de país novo, fecundo, activo, em progresso exuberante, acolheu com interesse e compreensão o artista vindo do outro lado do Atlântico. Manuel de Oliveira trabalhou intensamente, e é hoje considerado no Brasil um dos artistas com maior prestígio e mais vasta projecção. A estátua representando «Diana do Amazonas», que apresentou na Exposição Anual do Rio de Janeiro, constituiu um êxito excepcional: o monumento a Vasco da Gama no Estádio desportivo que ostenta o nome do navegador, no Rio de Janeiro, consagrou mais uma vez o seu mérito excepcional.

O grande jornal de literatura e arte, «Dom Casimiro», elogiou redondo uma das mais notáveis revelações surgidas no Brasil, digna de figurar em primeiro plano nos países de mais apurada cultura artística.

Manuel de Oliveira encontra-se há pouco tempo em Portugal, e regressa brevemente ao Rio de Janeiro, onde o esperam numerosos trabalhos. É, pois, o momento indicado para lembrar ao público português a existência deste artista de méritos excepcionais, a quem não faltam as qualidades criadoras, os dons de estilo e a capacidade de trabalho para realizar uma vasta obra consagrada. Demais, entrelaçando entre os «modernos», Manuel de Oliveira não é um escultor de difícil compreensão; a sua obra tem a originalidade de um forte talento pessoal, o raso audaz e a largueza de interpretação da realidade que não podem deixar de caracterizar um artista do nosso tempo. Mas o seu modernismo enquadra-se em fundamentos clássicos de apurada escola, a majestade da grande escultura tradicional e uma espécie de inteligência, de verdade interior, de escríptulo realista envolvendo a sua emocionada visão das coisas.

«Diana do Amazonas» é uma criação bem representativa do seu estilo. No panorama actual da escultura portuguesa, onde têm sido tão raras as revelações pessoais, destacadas do que na pintura, a personalidade de Manuel de Oliveira impõe-se definitivamente com esta obra de tão austera e vigorosa expressão. O movi-

MANUEL DE OLIVEIRA

UM ESCULTOR PORTUGUÊS QUE TRIUNFOU NO BRASIL

mento ágil e fácil da figura em contraste com alguns dos seus pesados pormenores — em que se atesta uma visão profunda da natureza amazónica, com a sua vitalidade ardente e a sua esmagadora exuberância — revela um domínio pleno das formas expressivas pelo cinzel. Tem grandeza e vida; sabe ser real sem ser estático, hirtó e fotográfico.

A estátua do Rei D. Diniz, que se destina a um monumento da Ilha do Pico, é outra afirmação poderosa de artista. Clinge-se nela, decerto, a um estilo já fixado na escultura contemporânea — um pouco convencional por necessidade de representação externa; mas o perfeito acabamento da obra, a majestosa attitude da figura, o traço finíssimo da fisionomia e das mãos, a harmonia formal das dobras do manto que cobre a figura austera do Rei, constituem magnífica representação de um escultor em pleno domínio dos seus dons.

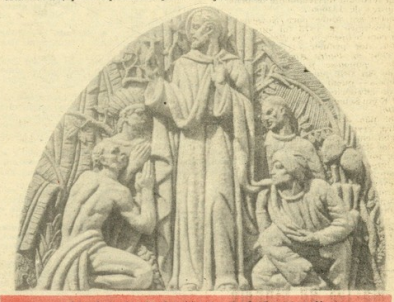
No alto-relevo também Manuel de Oliveira apresenta brilhantes aplicações. A «Morte de S. José», o lintel da Igreja das Missões de S. Francisco Xavier na Exposição do Mundo Português, os vastos «fundos» que compôs para o Cinema Palácio e para o «bars» Atlântida, do Rio de Janeiro, constituem afirmações poderosas do estilo, algumas vezes soberbas demonstrações de talento criador. Na representação de cenas simbólicas ou de quadros da vida real dos trabalhadores, reconhece-se o mesmo sentido profundo da existência, a mesma compreensão da responsabilidade da arte como forma de cultura.

Não bastam, evidentemente, as pagadas reproduções que acompanham esta notícia, para representar plen-

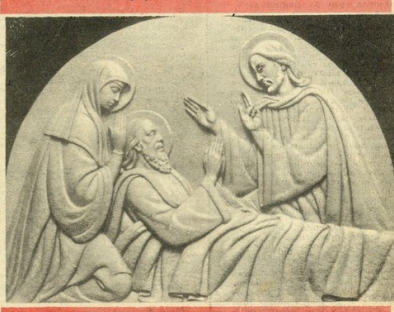


MANUEL DE OLIVEIRA

mente as qualidades artísticas de Manuel de Oliveira e, sobretudo, a grande esperança que a sua obra já criada constitui para a revivência da escultura em Portugal. Mas poderão servir como incentivo para os novos gerações de artistas portugueses as revelações decisivas — as que podem assegurar ao futuro das artes plásticas entre nós uma ressurreição magnífica. Regressando ao Brasil, Manuel de Oliveira não esquecerá, decerto, que não mais necessárias na sua pátria do que nunca foram as capacidades criadoras que assegurem, em mais salutar condições, o prestígio e o engrandecimento da realização artística.



Lintel da Igreja das Missões de S. Francisco Xavier



A «Morte de S. José»

MIRADOURO

EVA

E O CIUME...

O senhor viajado acendeu outro cigarro, escondeu a cara atrás de uma nuvem de fumo, e afirmou:

— É o que vos digo, eu que devo ser dos portugueses que mais têm corrido mundo! A mulher portuguesa é a mais ciumenta de todas as que habitam este recreativo planeta. Não há outra assim! A vida conjugal, tal como nós a vivemos, é quasi um duelo de morte. De morte lenta. Zangas, discussões, bater de portas, lojga partida, lágrimas, faniquitos, flor-de-laranjeira, saco com água quente sobre o coração, a criada muito afilada "porque vai dar uma coisa à minha senhora!" — e, enfim, um alvoroço na casa como se lá tivesse caído uma bomba atômica. No fim, não é nada. Mera tempestade num copo de água. O coração bate certo como um relógio, o faniquito talvez não tenha sido de uma sinceridade absoluta e, quanto às lágrimas, a mulher que se preza nunca chora muito sem razão porque sabe que o chorar faz os olhos fetos (é mesmo por isso que elas já usam uns lençinhos tão pequeninos). Mas — pronto! — fés a ceminha, deu cabo dos nervos ao marido, partiu mais uma terrina da balxela e ficou satisfeita para 24 horas. São quasi todas assim. Não há penicilla que cure esta doença hereditária das mulheres portuguesas.

Se a gente sai à noite, tem que ouvir qualquer coisa como isto: — Ah! Vais sair! É claro, ela está à tua espera... Mas se a gente não sai à noite, é mais do que certo: — Eu logo vi que tu ficavas em casa! Foste à tarde ter com a outra... Por isso viste jantar às 9 horas!

O que não queres dizer que, no caso de a gente sentir um belo domingo a nostalgia das pantufas e não sair nem de dia nem de noite, consigam escapar sem que ela nos diga: — Com que então todo o dia em casa!... Com certeza estás zangado com o monstro! Ora, francamente, não há santo da corte do céu que nos dê sossego, tendo em casa uma mulher que é uma fábrica de dores de cabeça. Ela, a outra, o monstro, são uma e a mesma personagem, invisível, misteriosa, ignota e inacessível que ela não sabe quem é, e nós, às vezes, também não. Mas a culpa é dos jornais, que têm a mania de publicar os censos da população; as nossas mulheres lêem e ficam logo com a pena no sapato: O quê? Quatro ou cinco mulheres para cada homem! E depois não acreditam que a gente não aproveite a fartura... E aí estamos nós a ser espialdos, vigiados, policiados — a ver na nossa própria mulher a figura agressiva de um guarda-fiscal que quer, à força, encontrar-nos contrabando. E olhem que as há de todos os géneros: as detectivescas, que nos encontram sempre na gola do casaco um cabelo loiro (se elas são morenas), ou um cabelo preto (se elas são loiras), quando a gente se limitava a ir ao cinema e ficou ao lado de um sujeito careca; as oífactivas, que, ao chegarmos a casa, nos cheiram o fato, fungam três vezes e acabam por concluir: Tu cheiras a mulher! — mesmo quando a gente passou a noite a conversar com um mestre de obras; e as mais terríveis, as mais psicólogas, aquelas a quem a gente oferece um frasco de perfume e pensam assim: Alto! Tu que me ofereces este perfume é porque a outra o usa e não queres que eu dê pelo cheiro!

E não há nada a fazer a isto! A mulher portuguesa é ciumenta como já o foram a mãe, e todas as suas antepassadas até à avózinha venerável das cavernas. Estou mesmo em dizer que o que valeu ao Pai Adão (olá Mãe Eva não sei se era portuguesa. Ela era capaz de se lembrar de que foi feita de uma costela d'ele e conectar a ter clumes das costelas do nosso primeiro pai. E neste caso, como o pobre homem tinha que dormir com elas, devia ser um inferno naquele paraíso... Mas, enfim, e era isto que eu queria chegar: cabe-me a glória de ter civilizado uma ferazinha destas. É verdade: minha mulher! Quando os homens, ela era ciumenta como um diabo de salmas. Não sou muito ruim e por nada: E já não era muito nova, porque eu sempre tive por norma evitar as mulheres muito novas e os aprendizes de barbeiro. Não gosto que ninguém aprenda à custa da minha pele! Pois, como ia



diendo, em matéria de selos amorosos, a minha mulher tinha um géniozinho de 'destroyer' em dia de exercícios de fogo real. Simplesmente explosiva. Começou então o meu trabalho hábil, calmo, muito ajudado, é certo, pelo prestígio do homem viajado. A pouco e pouco, fui-lhe metendo na cabeça que as cenas de ciumes, que as portuguesas fazem com toda a naturalidade, seriam uma vergonha em qualquer parte do mundo. E fui tão sugestivo, tão persuasivo, tão eloquente, que a pus na afinação. Está civilizada! De tal maneira que (eu sou um bocado febreiro como vocês sabem!) chegam a ir dizer-lhe coisas que eu faço cá fora e ela não quer saber, não dá ouvidos, fingem que não sabe. Que fenómeno, anti? Que dizem vocês a isto?

O que os outros disseram não sei; mas o que eu penso. O senhor viajado pode ser que tenha razão quando censura os exageros ciumentos das portuguesas. Será falta de civilização. Mas também, para que a mulher finja que não sabe das debilidades sentimentais do marido é necessária uma data de civilização, vamos lá um tudo-nada suspensa... E lembra a história do cego e das uvas do Padre António Vieira...

...A um cego que, guiado pelo moço, andava a pedir de porta em porta, deram um cacho de uvas. Resoltaram logo os dois comê-lo, e disse o cego ao moço: — Vamos comer estas uvas; mas para que nenhum de nós coma mais do que o outro só devemos levar à bôca um bago de cada vez.

E assim começaram. A certa altura, porém, o cego começou a tirar as uvas duas a duas. E como o garoto não dissesse nada, levantou a bengala e, assentando-lhe uma bordoadas nas costas, exclamou: — Mariola! Estás a comer as uvas três a três...

— Não estou tal! — defendeu-se o velhaco. — Estás! E a prova é que eu estou a comê-las duas a duas e tu ainda não refilestas!

Está claro que o cego viu bem o assunto. O ladrão do rapaz também era civilizado!

Pelo que não fazem V. Ex.ª mal nenhum em desconfiar das senhoras que deixam os maridos comer duas a duas as uvas do matrimónio: é que elas são capazes de as estar a comer três a três...

NELSON DE BARRROS

PRODUTOS QUE REJUVENESCEM A PESSOA



ASSEGURE A FRESCURA E ROBUSTEZ DOS SEUS CABELOS USANDO

Petróleo iodado Cliper

Os cabelos deixam de cair — Novos cabelos nascem com abundância



Experimentar os produtos Cliper significa adoptá-los para sempre



O pescador, desanimado, raramente aparece na praia



Durante o mau tempo, os barcos ficam assim encolhidos na rampa



O mar, na praia do norte



Mas quando ele bate, enfurecido, nas rochas, tem imagens de estranha e feroz beleza!



Velas inúteis...

O mar

E A SUA EPOPEIA

A está o mar, rugindo, gigante que tem convulsões de epilético. É ele que une continentes — e que põs, no dorso das ondas, essa estrada maravilhosa por onde os homens sulcaram a buscar civilizações. O mar, porém, nem sempre sorri ao homem. Engana-o, muitas vezes, com a cilada, que da mansidão das ondas azulinas salta, rugindo de espuma. E, então, o mar é um sorvedouro. Escancara a bodega sinistra e traga vidas com a voraz satisfação satânica.

Nada o pode deter — nem o faz apiedar. Bem se ilumina Santa Bárbara, bem vai o cirio à Senhora das Navegantes — bem se erguem as mãos calosas dos pescadores ao céu, entre a mastreação tombada do pobre barquito — éle, o mar, senhor absoluto, de nada quer saber — e continua rugindo o seu desespero de vendaval.

As altas rochas, enamoradas do mar, jardins de limos, temem a sua fúria. É que éle, onde chega arranca tudo. Vão os barcos, as vidas, as pedras — e, tantas vezes, entra na terra e empurra, numa enxurrada, aldeias e vilas num montão de destroços.

Todavia, o mar que mata — dá vida, cria, espalha calor. Vejam os pescadores, toda essa numerosa população que dele vive. Estendem as rédes — a companhia volta daí a dias atestada de bom peixe.

É há mais alegria, então, naqueles

lares pobres — onde reinou a incerteza e a inquietação, não fôsem as ondas — ah! malditas! — engolir os fracos barquitos. É assim o destino do mar. A sua epopeia anda escrita em gerações. Mas enquanto na poesia há a exaltação lírica — às vezes de quem nunca viajou — que reduz ondas, tempestades, nortadas em rimas metrificadas — na vida dos pescadores, com as suas angústias e dores, há um poema que éles jamais souberam escrever...

E nem precisam. O pescador lê no mar. O céu é outro livro. As ondas acostumou-se éle, desde caíro, a ouvir-lhe a canção.

De modo que já sabe. Do mar vive. É éle que lhe dá o pão — foi sobre as ondas que botou figura de homem. O pai já andara naquelas andanças. E os avós também. Uns ficaram a dormir, eternamente, no seio das águas — outros, no humilde cemitério da terra.

«De alguma coisa se há-de morrer — e não será, certamente, por temer o mar, que os barcos não voltam. Éles querem chegar, querem provar ao riar que sabem vencer a bravura das ondas...

Na praia, as famílias, pedindo em reza que amaine o temporal, esperam a companhia».

Quando falta algum barco — foi o mar infinito que o tragou, por ali, além, sem deixar ao menos o sinal duma cruz.

Ah! Se o mar tivesse cruzes!

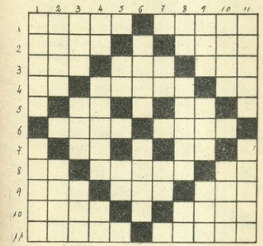
RAINHA DA HUNGRIA

OS PRODUTOS DE BELLEZA HA MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

RAINHA DA HUNGRIA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 61 (Concurso)
Por Armando Nogueira (Guamá)
(Dedicado à Srmi)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Concerto musical noturno; flutuar. 2 — Anilheira; a cara. 3 — Pátria; resguardo lateral; gasta. 4 — Solitário; suscitador; nota musical. 5 — Parecência; também. 6 — Que tem forma ou serve de asa; entusiasmo. 7 — Quatro romano; prefixo de negação. 8 — Artigo (pl.); namorada; inicia duma instituição patriótica portuguesa. 9 — Pedras de lagar; princípio; pron. poss. 10 — Capital europeia (inv.); ecorar. 11 — Populacho (pl.); pesos má.

VERTICAIS: 1 — Casta de uva; abater. 2 — Pequeno; bebida alcoólica que os índios védicos derramam sobre o fogo dos sacrifícios. 3 — Graçojar; além; astro. 4 — O mais; sulcava; nota musical. 5 — Clima; pedra de moínhos. 6 — Cabeça; banca. 7 — Em partes iguais; nota musical. 8 — O mais; resgatava; afastado. 9 — Causar; maior (inv.); deblair; de. 10 — Porção de pelixe que se vende em leilão (inv.); que é da raça dos mus. 11 — Surgir; maravilha.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 50

HORIZONTAIS: 1 — Jacto; édito. 2 — Arbitrio. 3 — Né; arena; ar. 4 — Graça; agora. 5 — Aduar; obob. 6 — En; im. 7 — Anão; atar. 8 — Nariz; evabi; 9 — Ar; ruano; om. 10 — Bathin. 11 — Sover; ocar.

VERTICAIS: 1 — Janga; anas. 2 — Ordenar. 3 — C;unar; bb. 4 — Fraço; olras. 5 — Obra; mir. 6 — le; an. 7 — Etnai; enho. 8 — Orago; avoar. 9 — Ló; obito; ré. 10 — Arómato. 11 — Obrae; rimar.

RECTIFICANDO

No problema n.º 48, na 3.ª vertical, 2.ª sinclónio, onde se lia *recuavção*, leia-se: *ordrio de pelixe*.

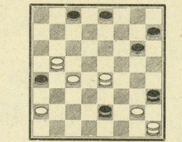
TEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês, 54 do Bando, 108, 3.ª LISBOA

DAMAS

PROBLEMA N.º 44 (Inédito)
Por Ademar Manuel Pereira da Costa (Porto)
Brancas: 3 pedras e 2 damas.



Pretas: 5 pedras e 2 damas.
Jogam as brancas e ganham.

MACAÇA GEOGRÁFICA

(Por Augusto Teixeira Marques, que a dedica a sua cunhada Gulthermina do Rosário Nogueira)

- 1 — G
- 2 — U
- 3 — K
- 4 — L
- 5 — H
- 6 — E
- 7 — R
- 8 — M
- 9 — I
- 10 — N
- 11 — A
- 12 — O
- 13 — O
- 14 — R
- 15 — O
- 16 — S
- 17 — A
- 18 — R
- 19 — A
- 20 — O
- 21 — N
- 22 — O
- 23 — G
- 24 — C
- 25 — E
- 26 — R
- 27 — R
- 28 — A

ENUNCIADO

1 — Vila escabca de Doncelho (Aveiro). Portugal. 2 — Antigo Estado da Confederação Germânica, estando hoje dividido em região belga e em pequeno E. China, pertencente aos indios. 3 — Estado da Índia. 4 — Vila e cabeça de conceilho (Portugal). 5 — 1.º dos Estados da Europa ocidentais costas do Mar do Norte. 6 — Vila e cabeça de conceilho (Aveiro). Portugal. 7 — República da América do Sul, entre o Brasil e o Oceano Atlântico e um cujo nome é igual ao da República em referência. 8 — Uma das pequenas antilhas. 9 — Ilha do Oceano Atlântico, a 1.050 quilómetros de Lisboa. 10 — Cidade da Ilha da Madeira. 11 — Cidade do Estado de Minas Gerais (Brasil). Também existiu um arquipélago português, no Atlântico, com o mesmo nome. 12 — Rio de Portugal. 13 — Arquipélago do Oceano Atlântico, pertencente a Portugal. 14 — Reino da antiga Confederação germânica, que constitue actualmente um dos Estados da República alemã. 15 — Cidade de Portugal. 16 — Cidade de Portugal. 17 — Rio de Portugal que nasce em Espanha. 18 — República da Rússia da Europa; compreende os governos de Kiev, Poltava, Tomitov e Karkov; banhado pelo Dnieper, esteses imensuráveis. 19 — Rio da Austria, da Polónia e da Prússia. Nasce na vertente septentrional do monte Barania,

banha Craucóvia, Sandomir, Varsóvia e Marienburg e desagua no Báltico. 20 — País da Europa. 21 — Uma das ilhas británicas, limitada pelo canal do Norte ao S.E., pelo canal de S. Jorge ao S.E., e pelo Oceano Atlântico. 22 — Cidade dos Estados Unidos, à beira do lago Michigan e do rio que tem o mesmo nome da cidade. 23 — Povoação do conceilho da Vila da Praia da Vitória (Angra do Heroísmo), Açores, Portugal. 24 — Um dos Estados Unidos da América do Norte. 25 — Confederação de 8 Estados: 1 distrito federal, 1 território e duas colónias, entre a Colombia, o Brasil e o Mar das Antilhas. 26 — Rio de Portugal, que nasce na Serra do Caldeirão e entra no Atlântico em Vila Nova de Milfontes. 27 — República colocada sob a protecção da França e do bispo de Urgel (Espanha). 28 — Rio da Rússia; nasce na parte meridional dos montes Urais e desagua no mar Cáspio.

Nota — Cada ponto (.) corresponde a uma letra. Preenchemos todos esses pontos pelas respectivas letras fica resolvido o problema.

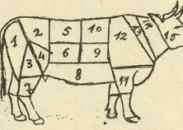
SOLUÇÃO DA MACAÇA GEOGRÁFICA
(Publicada em 3/1/946)

- PELUNDO
- BISSORAM
- COROBAL
- XITOLI
- GAJU
- CANCHUNGO
- BANBADINCA
- BULA

VEJA SE SABE...

Todos os quadros todos os nossos leitores gostam de carnhina de «vaca», que, aliás, é sempre de boi, mas o que temos a certeza é de que não sabem os nomes das diversas partes do corpo desses mesmos animais!

E senão vejamos: Digam-nos, agora, sem consultar ninguém, nem nenhum léxico, quais os nomes que correspondem a cada um dos números que acima se mencionam.

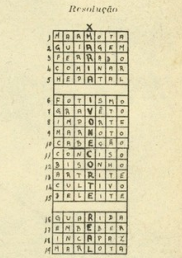


ENUNCIADO

1 — Vila escabca de Doncelho (Aveiro). Portugal. 2 — Antigo Estado da Confederação Germânica, estando hoje dividido em região belga e em pequeno E. China, pertencente aos indios. 3 — Estado da Índia. 4 — Vila e cabeça de conceilho (Portugal). 5 — 1.º dos Estados da Europa ocidentais costas do Mar do Norte. 6 — Vila e cabeça de conceilho (Aveiro). Portugal. 7 — República da América do Sul, entre o Brasil e o Oceano Atlântico e um cujo nome é igual ao da República em referência. 8 — Uma das pequenas antilhas. 9 — Ilha do Oceano Atlântico, a 1.050 quilómetros de Lisboa. 10 — Cidade da Ilha da Madeira. 11 — Cidade do Estado de Minas Gerais (Brasil). Também existiu um arquipélago português, no Atlântico, com o mesmo nome. 12 — Rio de Portugal. 13 — Arquipélago do Oceano Atlântico, pertencente a Portugal. 14 — Reino da antiga Confederação germânica, que constitue actualmente um dos Estados da República alemã. 15 — Cidade de Portugal. 16 — Cidade de Portugal. 17 — Rio de Portugal que nasce em Espanha. 18 — República da Rússia da Europa; compreende os governos de Kiev, Poltava, Tomitov e Karkov; banhado pelo Dnieper, esteses imensuráveis. 19 — Rio da Austria, da Polónia e da Prússia. Nasce na vertente septentrional do monte Barania,

PILHA DE PALAVRAS

PROBLEMA N.º 5
(Publicado em 20/12/945)



PARA «MATAR O TEMPO»...

Diz-se a uma pessoa que pense num número de dois algarismos. Depois pede-se-lhe para somar esse número com outro de igual quantidade. Feita a operação manda-se-lhe adicionar mais um número de dois algarismos, que nós indicamos. Depois de nos informar que está tudo somado diz-nos qual o resultado. Nós dizemos a pessoa que a soma ao meio e que depois disto adicione o número em que pensou.

Seja qual for o número de dois algarismos que a pessoa tinha pensado, o resultado final é sempre igual a metade do número que nós indicámos.

Para melhor compreensão vamos dar um exemplo:

Número pensado	+22
Juntar outro de igual quantidade	+22
Adicionar um número por nós indicado	+20
Somar tudo	64
Dividir ao meio	=32
De	32
Abater o número pensado	=22
Resultado final	10

Deu 10, ou seja metade do número por nós dado (20).

A Maravilha da Quimica Norte-Americana
SHAMPOO-TINT RAP-I-DOL

É um novo processo simplificado que poupa tempo e dá um controlé exacto da cor.
Está indicado para aquelas Senhoras com cabelos grisalhos e muito branqueados por próximos e para todas aquelas que preferem novo tom de cor.

SAMPHOON-TINT RAP-I-DOL é a tinteura preferida pelos grandes astrôlos de Hollywood.

Distribuidor exclusivo para Portugal:
G. DE CAMPOS MARTINS
Caixa Postal 826 — LISBOA



**POPEYE
EM CARNE
E OSSO!**

(VER PÁG. 8)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA EMENDA, 89 2.º - LISBOA - TELEFONE 25844
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), LTD.
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27

